

## RESENHA

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?*, Cortez/UNICAMP, 1995.

A partir dos anos 70, nos países capitalistas mais desenvolvidos, principalmente EUA e Europa Ocidental, proliferou entre intelectuais de esquerda vinculados à tradição marxista, uma polêmica crucial sobre o Futuro da Sociedade do Trabalho. Diante das metamorfoses profundas do mundo do trabalho, ocorridas sob o capitalismo tardio em crise, é possível levar ainda em consideração a centralidade da categoria trabalho para explicar a sociabilidade moderna (Offe), ou então, considerar o proletariado o sujeito da emancipação humana (Gorz)? Ou ainda, quais as perspectivas da luta pelo socialismo, ou da emancipação humana na perspectiva do trabalho, no mundo capitalista contemporâneo?

A obra *Adeus ao trabalho? – Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, de Ricardo Antunes (Cortez/Unicamp), recupera, em meados da década de 90, esta importante polêmica do nosso tempo. Apesar de tardia é bastante oportuna, pois surge num momento em que o Brasil, um país capitalista periférico, passa a integrar-se, cada vez mais, à onda de transformações produtivas que atingem o mundo capitalista desenvolvido e com impactos decisivos na materialidade (e subjetividade) do trabalho organizado no país.

Antunes é um intelectual marxista do movimento operário (na acepção de Kurz). Sua trajetória de reflexão político-intelectual sempre vinculou-se à práxis histórica do proletariado brasileiro, seguindo seus avanços e percalços, procurando intervir, de maneira incisiva, nos nexos essenciais da problemática do mundo do trabalho e sindicalismo no Brasil.

Se na década de 80, a denominada “década dos trabalhadores”, a época do nascimento da CUT e do ressurgimento do sindicalismo no país, Antunes pensou as greves operárias do ABC e os caminhos (e

descaminhos) do “novo sindicalismo” (como demonstram sua obra *A rebeldia do trabalho*, publicada em 1988), a partir dos anos 90, a época da ofensiva do capital na produção, da onda neoliberal, dos Programas de Qualidade Total, terceirização e flexibilização do trabalho, Antunes penetra no debate já clássico sobre a centralidade do mundo do trabalho no limiar do século XXI (com um detalhe – seu horizonte de análise nesta obra, não é o Brasil, mas o mundo capitalista desenvolvido).

Desde a obra *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil*, passando por *A rebeldia do trabalho* até *Adeus ao trabalho?*, a marca registrada da reflexão político-crítica de Antunes, se podemos dizer assim, é a sua incisiva defesa da centralidade do mundo do trabalho, da classe operária, da classe-que-vive-do-trabalho (utilizando sua expressão), enquanto sujeito histórico capaz de construir uma sociedade socialista. É contra aqueles que pretendem negar (ou ocultar) este princípio político-ontológico que surge *Adeus ao trabalho?* (a obra parece ser um contraponto à obra de André Gorz, *Adeus ao proletariado*, de 1982).

Na primeira parte, intitulada “Fordismo, toyotismo a acumulação flexível”, Antunes disserta, com desenvoltura, sobre a natureza das transformações produtivas que atingem o mundo do trabalho e ensaia a sua crítica do toyotismo. Seu alvo é, portanto, num primeiro momento, os teóricos do “pós-fordistas”, da “especialização flexível” (Piore e Sabel) ou “neofordistas” (Coriat). Em sua crítica das posições “neoproudonianas” de Piore e Sabel ou “social-democráticas” de Coriat, Antunes se utiliza do arsenal teórico de Simon Clarke, David Harvey, Frank Annunziato e Thomaz Gounet. Ou seja, para ele, a alternativa crítica de Piore e Sabel e Coriat à crise do fordismo é insuficiente, pois se mantém no limiar do capital, da lógica do mercado, não propondo nada, portanto, “para além do capital”, na acepção de Mézaros.

Na segunda parte da obra, Antunes apresenta, de modo impressionista (e impressionante), as metamorfoses do mundo do trabalho

e seus impactos sobre o sindicalismo contemporâneo. Ele reconhece que o mundo do trabalho passa por profundas transformações que, em suas palavras, atingem a própria *forma de ser* da classe-que-vive-do-trabalho – a classe trabalhadora complexificou-se, fragmentou-se, heterogeneizou-se ainda mais. Mas, ressalta Antunes, ela *não* caminha no sentido de sua extinção.

Além disso, Antunes observa o predomínio, no interior do movimento operário, de um *novo corporativismo*, de tendências crescentes de *burocratização e institucionalização* das entidades sindicais, que os incapacita para desenvolver e desencadear uma ação *para além do capital*. Apesar disso, Antunes é enfático quando mantém a possibilidade da *revolução do trabalho*, da emancipação *do e pelo* trabalho, como um *ponto de partida* decisivo para a busca da omnilateralidade humana, de uma *vida cheia de sentido* (na acepção de Lukács).

Finalmente, em sua terceira parte, a mais instigante, Antunes apresenta algumas teses procurando demonstrar, a título introdutório – e, portanto, preliminar (já que suas pesquisas prosseguem), que a crise contemporânea é do capital (e não uma crise do trabalho concreto) – ou seja, é uma *crise do trabalho abstrato*, do sistema produtor de mercadoria “cuja superação”, diz ele, “*tem na classe trabalhadora, mesmo fragmentada, heterogeneizada e complexificada, o seu pólo central.*” (p. 80).

Para Antunes, o viés fundamental dos críticos da sociedade do trabalho, principalmente Gorz, Habermas e Offe, é desconsiderar o duplo caráter do trabalho, ressaltado por Marx n’*O Capital* – o *trabalho concreto* e *trabalho abstrato*. Para ele esta distinção, lembrada por Heller (e presente em Marx), entre *labour* e *work*, é decisiva para constituir uma crítica dos críticos da sociedade do trabalho. E se não se considera isso pode-se entender, equivocadamente, a *crise da sociedade do trabalho abstrato* como a *crise da sociedade do trabalho concreto* (considerado, por Antunes, seguindo Marx, como a dimensão primária, originária, ponto de partida para a realização das necessidades humanas e sociais).

*Adeus ao trabalho?* é, antes de tudo, como o próprio autor salienta, um ponta-pé inicial na polêmica sobre a centralidade do mundo do trabalho. Em primeiro lugar, é uma obra pioneira no cenário intelectual marxista no Brasil, tão carente de reflexões criativas (e interessantes) sobre temas decisivos, como as transformações do mundo do trabalho sob o capitalismo tardio em crise. Depois, é deveras instigante, quer concordemos com ela ou não, e que, com certeza, nos obrigará a exercitar, hoje mais do que nunca, o pensamento dialético – e, portanto crítico, se quisermos apreender, de fato, o verdadeira sentido das profundas transformações promovidas pela ofensiva do capital na produção que atinge a sociabilidade capitalista (do qual o mundo do trabalho é parte constitutiva e constituinte).

Giovanni Alves

Mestre em Sociologia pela UNICAMP. Doutorando em Ciências

Sociais do IFCH/UNICAMP. Área de interesse: Trabalho e  
Sindicalismo.